

Anne Cauquelin.

ARISTOTE: LE LANGAGE, Paris, Presses Universitaires de France, 1990, 128 páginas (vol. 29 da série "Philosophies").

A coleção "Philosophies", da PUF, vem-se desenvolvendo muito bem. Em oito anos de existência, reuniu mais de 60 volumes (média de 12 por ano, um por mês). O êxito da série assenta-se, ao que, parece, sobre dois "pilares" principais. Primeiramente, os livros, formato "bolso" (170 x 115 mm), de capas discretas, em uma, só cor (cinza, verde, azul, etc.), chamam a atenção porque seus títulos indicam temática limitada e específica. Em segundo lugar, os livros, em conjunto, cobrem amplas áreas de debate filosófico, o que os torna atraentes para um público crescentemente diversificado.

Para dar idéia dos assuntos abordados, note-se que o primeiro livro foi escrito por- Françoise Balibar (organizadora da coleção, ao lado de J-P Lefebvre, P. Macherey e Y. Vargas) e sendo discute o modo pelo qual Einstein teria interpretado Galileu e Newton. O v. 2 intitula-se *Piaget et l'enfant*; o v. 12 fala de *Lacan e o sujeito*; o n. 19, é a respeito de *Hegel e a arte*; o v. 25 trata de *Claude Bernard e a revolução fisiológica*; o v. 38 traça a *história do conceito de fetichismo*; o v. 42 fala do *trabalho*; o n. 44, volta-se para *Leibniz e o infinito*; o v. 52 focaliza *Descartes e os "Principia"*.

Quem estiver preocupado com problemas de significado e vier a examinar os livros da série "Philosophies", não poderá deixar de notar este volume 29, de Anne Cauquelin.

Como sabido, Sócrates discutiu com seus discípulos, diversas vezes, em busca de significados estáveis (a "boa definição") de certos termos. Platão, por sua vez, tornou a linguagem como tema central de vários de seus diálogos. **Crátilo** (escrito, provavelmente, em 388 a. C.) Deve ser a mais antiga obra (hoje disponível) a tratar do problema do significado. Mais contribuições platônicas, nessa área, acham-se em diálogos posteriores, sobretudo em **Parmênides** e no **Sofista**.

Ao contrário de seus dois ilustres mestres, Aristóteles não dedicou uma obra à linguagem. Entretanto, o assunto não deixaria de ser por ele estudado, uma vez que elemento de relevo para a lógica. Com essa idéia em mente, Anne Cauquelin percorreu os escritos do pensador (*Política, Poética, Organon, Refutações, Ética, Retórica, Partes de animais*), analisando os trechos diretamente ligados aos problemas da filosofia da linguagem - explicitando uma teorização original que ele formulou, ainda que não em uma só obra.

Aristóteles registrou que a linguagem faz parte da definição de "ser humano". Perder a linguagem é perder a condição humana. O pensamento (**dianoia**) não pode prescindir da linguagem. Em frase digna de registro: *ele dela se serve, enquanto ela o serve*.

O filósofo de Estagira não se preocupa, ao que consta, com o (aparentemente) insolúvel problema da origem da linguagem. Observa que os seres humanos **usam** uma linguagem e dessa constatação delibera partir. A cidade (entenda-se: da Grécia), com suas gentes e seus diálogos, é o "lugar" da linguagem. Fora da cidade - num primeiro nível, do "não-lugar" - há ruídos emitidos por bárbaros (a animalidade da voz) e há línguas estranhas, de povos asiáticos e africanos (fala e escrita sem harmonia e sem justeza). Mesmo dentro da cidade, o "não-lugar" se manifesta. Escravos também usam a linguagem, mas apenas percebem a "razão" do discurso, sem se "apossarem dessa razão". Ou seja, escravos são incapazes de agrupar e ordenar idéias de modo coerente.

Na cidade, apresenta-se o segundo nível da linguagem - o nível da opinião (**doxa**). A doxa" é traço característico dos diálogos do cidadão comum, autor de "lugares comuns". Dito de outro modo, a pessoa conversa, de maneira inconseqüente e banal, manifestando suas opiniões - mesmo que destituídas de fundamento. As mulheres são excluídas: apenas

balbuciam e não tem noção do que dizem! Falando das "regras" que governariam a prosa corriqueira (a caminho de uma posterior "dialética"), Aristóteles antecipa, claramente, noções que voltaram a ser discutidas recentemente - p. ex., nos trabalhos de P. Grice (1913-1988). Temos, assim, de um lado, ridículas ponderações a respeito da capacidade feminina; porém, de outro, idéias que preocupam pensadores de todas as épocas...

Após o nível da opinião, apresenta-se o terceiro nível. É o da verossimilhança. A tarefa de convencer, a arte de persuadir, a técnica de manipular crenças - tudo isso é parte da atividade de oradores, juizes, sofistas e poetas. Quem usa a linguagem, nesse nível, não pode "chocar" a crença geral (a opinião dominante), pois a crença disseminada é digna de respeito. Aristóteles [*Poética*, 24] ressalta que (pelo menos na poesia) cabe *preferir o impossível verossímil ao possível inverossímil...*

O verossímil, entretanto, difere do verdadeiro. A verdade está no campo da ciência. Esta é o "lugar" da palavra verdadeira, o quarto nível da linguagem, o "céu" da linguagem.

Anne Cauquelin reserva o cap. 2 de seu estudo (p. 40-69) para examinar três temas relevantes: (1) itens corporais da linguagem (dentes, língua, laringe, ...); (2) "elementos" do discurso (Letras, sílabas, nomes, verbos); e (3), significação. Nessa terceira parte, nota que a linguagem deve ser analisada por via das proposições, uma vez que as palavras, isoladamente, não têm significado. O todo precede as partes. O signo é mero traço de união entre uma coisa e sua "marca" (a fumaça é sinal, ou signo, de fogo.) O símbolo, no entanto, tem seu uso governado por uma convenção, acolhida pelos usuários da linguagem, libertando a palavra da pressão exercida pelo signo. Com os nomes e os verbos, chega-se ao discurso, ao texto - coleção de proposições que se sujeitam à dicotomia *verdadeiro/falso*, e que, por esse motivo, se tornam capazes de transportar significados.

O capítulo 3, intitulado "Les régions de la parole", contém as mais interessantes anotações de Cauquelin. De acordo com a autora, cada região da cidade abriga um tipo de pessoas e, em consequência, uma linguagem específica - distinta das linguagens

vizinhas, das pessoas das demais regiões. Aristóteles nota [*Poética*, 19; *De interpretatione*, 3] que há frases interrogativas e imperativas e há preces e exortações, para as quais deixa de valer a dicotomia **verdadeiro/falso**. Mesmo as proposições que admitam a dicotomia nem sempre têm um valor-verdade indubitável - ficando na área das opiniões, ou seja, da verossimilhança. Se tais proposições se apresentam em silogismos, como acontece com muita frequência uma verdade "fluida". Em suma, as linguagens formam "regiões da verdade", com poder e força diferentes.

Temos, pois, a rigor, três campos a considerar. *Filosofia* (prevalece a verdade); *dialética* (domina a verossimilhança); e *retórica* (prepondera a doxa). As fronteiras dessas regiões não são muito claras. Contudo, é preciso notar que na retórica não pode faltar a credibilidade do que se afirma. Mas essa credibilidade, como facilmente se percebe, varia com o auditório! E cada grupo de pessoas terá um repositório de "lugares comuns", perfeitamente aceitáveis e aceitos - que não convêm contraditar, quando se deseja *convencer* as pessoas desses grupos. Há regras para argumentar com o verossímil. Mas essas regras são ocasionais e precisam ser "reinventadas" a cada passo, a cada novo uso.

As grandes paixões da alma (*colore, criaste, pite*) podem ser simuladas, seja na retórica, seja na poética. Em tal simulação começa o "jogo dramático" dos oradores. É um jogo que se aprende com a experiência e que se pratica sobretudo na arena política. Todavia, há uma diferença que precisa ser lembrada. Na retórica, o advogado, o juiz, o orador devem **reconstruir** (com seus raciocínios) uma realidade que pode apresentar falhas, "momentos" não percebidos. Na poética, porém, o versificador deve **construir** uma fábula, uma estória, um enredo que se assemelhe a uma realidade fictícia (provalvemente já conhecida). A grande diferença entre retórica e poética se põe, assim, muito clara: aquela visa a uma decisão, ao passo que esta visa ao prazer.

O livro de Anne Cauquelin é agradável e útil. Vale a pena consultá-lo.

Leonidas Hegenberg  
Rel r 20 - Nov. 96.